ANO 3.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 1923 N.º 702

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

HA muitos anos que, na sociedade portuguesa, se vem acentuando uma tendencia bem nitida para negar e destruir instituições que o passado nos legou e á sombra das quais muitissimas consciencias resolveram os casos mais dificeis que o pensamento ou a acção lhes suscitaram.

A maioria dos nossos pensadores são de feitio anarquista.

Discutir, criticar, arruinar e pulverizar—eis o seu grande prazer.

Como nos falta um forte poder de inhibição interior, uma vontade rija que exerça sobre o nosso espirito uma ditadura sabia e prudente, o gesto nihilista é para nós a suprema afirmação do poder e da actividade mental.

A Igreja, o Estado, a familia, os direitos da inteligencia e do trabalho, as classes, os individuos e os titulos que justificam a superioridade destes, tudo é alvo de golpes que, se nem sempre são certeiros, conseguem pelo menos abalar os fundamentos da sua estabilidade.

De ano para ano, nota-se um afrouxamento, cada vez maior, dos laços que nos prendiam á grei, acentuando-se de maneira bem visivel o predominio do egoismo que ás suas exigencias sacrifica até os afectos profundos do nosso coração.

O indivividualismo não reconhece peias nem limites, porque a sua capacidade destructiva enche-o de gloria.

Dantes apelava-se para a razão que parecia ser o sete-estrelo que iluminava as nossas audacias extremistas.

Nem dogmas nem autoridades, nem Deus nem soberanos — tal o ideal dos que entendiam que o homem só seria feliz, libertando-se de toda e qualquer sujeição.

A liberdade veiu e com ela o camartelo dos mais atrevidos sacrilegios.

Isto quere dizer que a obra de destruição nunca se julga completa. As derrocadas não assustam os vandalos.

Quando chegará a hora em que darão como terminadas as suas arremetidas?

Se não houver quem lhes prenda os braços, chegarão ao plano exterminio.

Quem serão os semeadores de uma nova vida — fecunda, pacifica, fraterna e feliz?

* * *

MUSSOLINI, com a sua nova lei de imprensa, põe na mão dos perfeitos—entidade bastante parecida com os nossos governadores civis—a faculdade de reduzirem a silencio os jornalistas que cometam abusos de critica ou espalhem noticias tendenciosas. Este processo de se acautelar contra os adversarios da sua acção governativa deixa-nos a impressão de que ele admite a hipotese de ser forte, com o si[illegible]io dos outros. Justifica assim a opinião dum americano celebre que dizia:

—«A' sombra do meu orgulho, ha campo largo para todas as humilhações».

* * *

A EMPRESA Literaria Fluminense reuniu numa formosa brochura o sermão do Padre Vieira, intitulado *Do Amor*, que o actor Brazão leu na Sala do Museu Arqueologico, nas ruinas do Carmo, em 28 de maio de 1923, a *Evocação de Lisboa seiscentista*, feita por Albino Forjaz de Sampaio e as *Palavras-Previas* do sr. D. Tomaz de Melo Breyner, conde de Mafra.

O meu candidato

Teofilo Braga, usando do alto prestigio do seu nome, lançou á publicidade, perante a Nação, a candidatura do dr. Magalhães Lima para a presidencia da Republica. E' uma indicação feita ao sufragio parlamentar que considero acertadissima, pelas virtudes de coerencia e puritanismo republicano do grande candidato.

O sr. dr. Magalhães Lima é o grão-mestre da maçonaria. E se é certo que foi a Maçonaria que fez a Republica, não é menos certo que a falta de uma acção construtiva, bem orientada, adentro do regimen por parte da Maçonaria, priva esta de uma influencia decisiva que poderia e deveria ter nos meios politicos.

Encontram-se, porém, em causa outras candidaturas. A que se apresenta com mais forte justificação, é a do dr. Bernardino Machado. O partido democratico, ao qual pertence a maioria do Parlamento, deve, de facto, a s. ex.ª uma reparação moral, recordando a injusta e violenta afronta de 5 de Dezembro de 1917. Mas o dr. Bernardino Machado tem inimigos irreconciliaveis. E' uma vontade dominadora que não desiste nunca de vencer. E' uma personalidade politica de acentuado relevo, com opiniões

AUGUSTO SOARES

muito definidas, das quais dificilmente abdica. A sua longa carreira de homem publico não oferece duvidas a ninguem. Conseguirá, pelas razões expostas, o dr. Bernardino Machado, no acto da eleição, os dois terços do «quorum» parlamentar? Não me pare e.

Tem mais probabilidades de vencer, em segundo escrutinio, o candidato Teixeira Gomes. O seu nome literario, prestigioso, a sua acção de diplomata, notavel, e a extrema elegancia e finura do seu belo espirito, proporcionam-lhe fortes garantias de exito. Apenas ha que observar que nunca foi politico, nem conhece a maioria dos nossos politicos, o que põe uma interrogação bem visivel nas vantagens da sua eleição.

Ha ainda um outro candidato, cujo renome de sciencia e de velho republicano vem de longa data, o dr. Duarte Leite, nosso embaixador no Brasil. E', sem duvida nenhuma, um espirito superior que pode ser um grande presidente da Republica, apenas prejudicado—quem sabe?—pelo seu feitio pessoal, arisco e sêco.

Mas afinal—preguntará o leitor—qual é o seu candidato? Em quem votaria, de preferencia, se fosse membro do Congresso?

O meu candidato tem talvez menos nome politico do que qualquer dessas individualidades, mas possue, a meu ver, aquelas condições especiais que se devem reunir na pessoa do Presidente da Republica, e que dificilmente se encontram num conjunto equilibrado. Refiro-me ao dr. Augusto Soares, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros.

Afabilissimo no convivio, é o dr. Augusto Soares uma figura de rara distinção e um estadista experimentado e muito inteligente, cuja vontade firme, na maneira de agir, é ao mesmo tempo plastica, como convem.

Republicano de sempre, tendo passado uma parte da sua vida em Africa, em permanente contacto com ingleses, tomou para si o tipo dum verdadeiro diplomata, o que não é de somenos importancia para as relações externas do país.

Foi ministro dos Estrangeiros do governo da guerra, durante dois anos e meio, e este antecedente politico justifica, de sobra, a sua eleição para a chefia do Estado, de tal modo ele soube conduzir e orientar as nossas relações internacionais nesse periodo dificil.

Não é, nunca foi, um ambicioso. E' um homem de espirito equilibrado e de bom senso raro, qualidade primacial para presidir ás pugnas politicas, nesta hora de ressurgimento, mas ainda complexa e delicada. De resto, em Portugal, todos o estimam e admiram. E' o melhor candidato á Presidencia da Republica—porque, sendo energico, não se excede nunca; e, sendo contemporisador, não esquece nunca os altos interesses da Patria e do regimen.

Pedro Barto

PEDRO BARTO—pseudonimo dum ex-ministro que á Republica tem prestado altos serviços, sem esperar compensações—defende hoje, nesta pagina, a candidatura do sr. dr. Augusto Soares á chefia do Estado.

As rasões que ele apresenta, os nossos leitores as apreciarão, segundo as luzes do seu entendimento e as sugestões do seu patriotismo.

O *Diario de Lisboa* confia no Congresso, que saberá escolher o homem que, sendo digno entre os mais dignos pelo seu caracter e pela sua fé republicana, seja tambem um politico, alheio a paixões e a facções, que dirija a nau do Estado com o saber e o tino que as circunstancias reclamam.

* * *

«LA RAZON», o grande diario argentino, sustenta que *a moeda só equivale a vida barata*. E' tambem a nossa opinião.

A dificuldade, porêm, reside no facto de, dada a situação economica da maioria dos povos, encontrar maneira de semear a moeda, por emquanto, a não ser á custa da miseria publica.

* * *

A CASA dos Jornalistas tem hoje uma grande festa de Arte em seu beneficio e homenagem no teatro de S. Luís. A direcção desta colectividade é digna do maior elogio pelo esforço que desenvolveu no sentido de aproveitar todas as dedicações que a nova instituição tem provocado no meio afortunado de Lisboa.

* * *

O OFICIAL da nossa marinha, sr. João de Barros, cujo pseudonimo de *Maximo Luso* já tem aparecido, nas colunas de varios jornais, vai publicar um livro — *Voz bradando na cidade*, caracterizado pela vivacidade do comentario e vernaculidade da linguagem em que está escrito.

* * *

ALBERTO Cardoso dos Santos é autor de uma evocação historica em verso, num acto, precedido dum prologo. Intitula-se *Auto dos Herois*. E' um trabalho de eloquencia e fulgor heroico, que devem ler todos os que vivem no respeitoso culto do nosso passado.

* * *

A Secção Editorial de *O Seculo* publicou um novo folheto de divulgação de conhecimentos *Magia e Feitiçaria*, por Garibaldi Falcão, velho jornalista, bastante culto, que cuida escrupulosamente dos assuntos de que se encarrega.

* * *

ENCONTRA-SE já em Lisboa Real da Camara, regressado do Rio de Janeiro, onde foi o admiravel decorador dos nossos pavilhões, colhendo o aplauso dos visitantes que não se cançam de admirar a sua obra.

* * *

DO ultimo numero da revista *de Teatro*, transcrevemos o interessante artigo *Teatros reais*, do conhecido homem de letras sr. Matos Sequeira. Publicamo-lo na segunda pagina.

DA REVISTA "DE TEATRO"

TEATROS REAIS

por Matos Sequeira

O primeiro tablado em Portugal data de 1752

O primeiro teatro da côrte com caracter de fixidez foi ideado em 1752, em tempo de D. José 1.º. Os tablados dos autos quinhentistas, como os estrados das representações jesuiticas com que atordoavam os cerebrozinhos de rainhas e infantas, eram de improvisar em salas paços e claustros conventuais. O rei reformador gostava ao que parece, das tramoias dos cómicos e das árias italianas, e foi na «Sala das Embaixadas», que ficava no torreão da Casa da India do Paço da Ribeira, na mesmissima sala onde a maquina volante do Padre Gusmão andára ás turras nas paredes, em 1709, que se armou o teatro com plateia destinada para os cortezãos, varanda para as pessoas reaes e alguns camarotes e forçuras para medicos do Paço, Confessores, Guarda-roupa e outros familiares.

A inauguração do teatrinho fez-se com a representação da ópera *L'Eroe Cinese*, em 6 de Junho de 1753. Vieram alguns comicos de fóra e os musicos da Capela Real representaram tambem. Os dançarinos foram dez e não faltou uma excelente orquestra, *tudo com a grandeza que podia caber no pequeno do logar*, diz a memoria inédita a que vou arrancando a noticia.

Esta experiencia aguçou para maiores emprezas o apetite do soberano. A escassez da Sala das Embaixadas gerou o projecto grandioso que depois se veio a executar, e já em 1753 o famoso João Pedro Ludovice estava a contas com a planta de um teatro magnifico. Receoso de que se podesse fazer melhor, foi o risco enviado para Italia e reenviado de lá, a seu tempo, com outros, dos quais o monarca escolheu, talvez o mais imaginoso. Era o do arquitecto João Carlos Bibiena. Diziam as pessoas do tempo que outro não havia na Europa tão sumptuoso e de tal gosto. Bibiena esteve em Lisboa dirigindo ou vigiando o fabrico do teatro, tendo tambem estado cá, como pintor-decorador, o arquitecto Diogo Azzolini. A construção, dado que não havia falta de dinheiro nem greves, foi rápida, não chegando a levar dois anos.

Constava a sala de uma sumptuosa varanda para a familia real,, varias galerias para as Damas do Paço, dois camarotes na boca do Proscenio *para quando El Rei quizesse ver as danças de mais perto*, seis outros destinados para os Cardeais, Meninos de Palhavã, Mardomo-Mor, oficiais da Casa e Camaristas. O segundo andar, ou ordem, era de oito camarotes, sendo um destinado para os enviados estrangeiros, outro para os oficiais da Casa da Rainha e os restantes para as damas de primeira grandeza. Na 3.ª ordem, os oito camarotes repartiam-se por pessoas gradas do Paço e Côrte, estando a distribuição a cargo do Mordomo-Mor. Na Plateia acomodavam-se seiscentas pessoas, reservando-se dez ou doze bancos para a Côrte e os mais para Ministros de Beca, oficiais militares de capitão para cima e fidalgos que tivessem fóro. Mais tarde o marquez de Pombal alargou at aos peitores e professores do Colegio dos Nobres esses privilegios. A Pedagogia até então ficava á porta.

A lista pormenorisada das pessoas que podiam entrar nos teatros da Côrte, encontra-se a folhas 78 do Codice n.º 691 da «Colecção Pombalina» da Biblioteca Nacional. E' um eloquente documento do exclusivismo paçao.

A entrada para a Opera era a mesma por onde, após o Terremoto, se entrava para o Erário e para a Ribeira das Naus. Ficava para o ocidente da porta do Arsenal, no mesmo alinhamento de hoje. O manuscrito que me elucida diz, quanto ao espaço ocupado pelo Teatro: —*O comprimento e largura da Plateia mostram as paredes que correm da referida entrada até onde faz cunhal, e encolhe para dentro poucas passos palmos; deste cunhal no fim era o comprimento do scenario.* Não se dirá um primor de clareza esta descrição; todavia, fazendo referencias actuais, parece-me poder marcar o local aproximado da Opera de el rei D. José, a seguir ao corpo saliente do edificio do Arsenal num comprimento de cêrca de 120 metros, para o lado occidental. As fachadas norte e sul do Arsenal, Escola Naval e Armazens, devem de ser as mesmas do teatro real.

Para o contruir derrubou-se o *postigo do Carvão* e a *porta da Oura* que contava cinco seculos de existencia. Esta é que ficava no ponto onde hoje se abre o portão grande do edificio, embora um pedaço recolhido para dentro. Outras demolições se fizeram, cortando-se a velha *porta do Arco do Ouro. O postigo do Carvão*, aberto na muralha aproveitada para parede da casa de espectaculos, e que dava passagem para o *beco da Fundição*, para o qual tornejava o edificio ideado por Bibiena, ficava, pouco mais ou menos, a meio do alinhamento sul da moderna rua do Arsenal.

A entrada para o teatro era, no dizer do autor do manuscrito que guiou Camilo no seu estudo sobre o Paço da Ribeira, publicado nas *«Noites de Insonia»*, *a mais arrogante e magestatica obra de Lisboa*.

A gravura em cobre, muito espalhada e conhecida, que representa a arruinada Casa da Opera, deve ser tão fiel como as outras da Colecção. Meras fantasias de um artista estrangeiro, Le Bas, se chamava ele. Documento iconografico fiel, não creio que exista.

* * *

Afim de apetrechar o teatro com companhia condigna, mandou o Soberano vir de Italia os insignes musicos Caferelli e Egecielli, dando a este trinta e seis mil cruzados, ao outro quarenta, e a ambos casas postas e mobiladas de tudo, carruagens e 6$400 diario para prato.

O que dirão a isto os emprezarios de agora! Além dos dois «estrelos» outros vieram de menos nome, afora dezasseis bailarinos, mestres de combate, mestres de scenario e de guarda-roupa. Para reforço das notabilidades havia cá tambem o grande David Peres. Imagine-se que tal seria a «folha de companhia»!

Assim tudo preparado, ensaios concluidos, scenarios a postos, destinou-se a abertura do teatro para o dia dos anos da rainha. Como, porém, esse dia festivo viesse a cair na Semana Santa, foi transferida a inauguração para 2 de abril de 1755, primeira oitava da Pascoa.

A côrte em peso, o corpo diplomatico e todas as figuras gradas de Lisboa assistiram a essa brilhantissima representação. A opera cantada foi o celebre «Alexandre na India». Cafarelli causou um verdadeiro delirio; os bailarinos arrebataram a assistencia! O insigne cantarino justificou bem a fama de que vinha precedido. Aparte estes exitos, outra gentileza deslumbrou os espectadores. Nada menos de que o aparecer em scena, montado num soberbo cavalo, o picador Carlos Antonio Ferreira, á frente de 25 cavaleiros, marchando todos os rocins ao som da orquestra. Foi um deslumbramento! Os fidalgos, mais equitadores do que amadores de teatro, perderam as estribeiras de compostura, e o proprio soberano tão entusiasmado ficou, que logo ali fez mercê ao Ferreira do habito da Ordem de Cristo e da patente de capitão de cavalos!...

A este seguiram-se varios espectaculos, o mais notavel dos quais foi o de 6 de Junho do mesmo ano de 1755, dia em que subiu á scena a *Destruição de Carthago*, com inu magnificencia scénica e não menos gosto do escolhido publico cortezão. Se houve depois mais representações, ignoro; o que sei é que para o primeiro de novembro estava anunciada a *Destruição de Troya*, mas, diz o manuscrito que sigo, *permitio Deus que se representasse ao vivo o que vimos em Lisboa*.

O terremoto e incendio subsequente reduziram a Opera do Paço da Ribeira, a um montão de ruinas e de cinzas.

Até o ano de 1762 não houve em Lisboa teatro. Neste tempo appareceram os *Bonecos*, e pouco depois a representação viva, mas apenas com homens. A notavel Maria Joaquina foi a que abriu o exemplo de haver comicas portuguesas. Em 1765 abriram os teatros da Rua dos Condes e do Bairro Alto, e duraram por aí fóra com operas italianas, bailes, entremezes e traduções do italiano e do francês. El Rei e a real familia algumas vezes iam a estes teatros. D. José parece que apreciava as tramoias de scena e gostava de ir incognito para os camarotes do publico do Conde de Soure e para a sala da Rua dos Condes. O seu empenho de ter um teatro não acabou com o cataclismo que lhe destruiu a casa da Opera do Paço da Ribeira que Azolini e Bibiena tinham enchido de maravilhas. Voltou as suas vistas para o antigo teatrinho da Ajuda inaugurado no reinado de seu pai, em 1737, tambem com opera italiana; e, em 1766, principiaram-se ali novos espectaculos. A sala era pequena. Apenas tinham dois camarotes, um para os Cardeais e outro para os meninos de Palhavã que, por sinal, nunca lá foram. Para as pessoas reais tinha uma varanda; para as damas outra.

A plateia que se destinava para a côrte, Ministros, militares e negociantes, apesar de escassa, raras vezes se encheu. Os logares para os padres-confessores, medicos e picadores da Casa Real eram nos camarotes á boca de scena. Parece que as ruinas e as memorias do antigo teatro que D. João V ali erigira afastava o interesse pelos espectaculos. O Teatrinho da Ajuda nunca foi afortunado de exitos e de concorrencia, nesta sua segunda phase, apesar dos bons musicos e dançarinos que lá se exibiram.

Em Salvaterra tambem D. José 1.º mandou dificar um grande teatro, onde os artistas do da Ajuda representavam durante a vilegiatura da côrte. Tanto estes como os do Paço da Ribeira foram sempre governados por Pedro José da Silva Botelho, sujeito que, diz o meu anonimo informador, tinha grande inteligencia da arte comica.

Era ele quem assistia ás *provas*, dava licença aos musicos e instrumentistas e superintendia em tudo. Emfim, era o director de scena e ensaiador, como hoje dizemos. Por morte do Botelho, substituiu-o no cargo um tal João Antonio Pinto que não percebia patavina de teatro.

Sebastião José de Carvalho e Mello não gastava tempo com estes divertimentos. Os comicos apenas o conseguiram apanhar no teatro do Conde de Soure, e mesmo isso só quando se representava *O Triunfo*, de Moliére. Esta nota vale por um tratado de psicologia pombalina. Não gostando, porém, de teatro, facilitava ao soberano todas as funcções que o distraissem porque (diz o Manuscrito) *emquanto se entretinha nelas não ouvia nem pensava em coisas do Estado.*

E era isso o que ele queria, mesmo porque o rei, se pensasse muito, era capaz de morrer!...

Pelo «sport»

AO SOM DO «GONG»

Dempsey contra Firpo

Segundo telegrama de New-York, o empresario Tex Rickard, propoz a Dempsey um encontro com Luis Firpo, recente vencedor de Jess Willard, a realizar em 1 de novembro, em Buenos Aires, para o campeonato do mundo, dos «pesados».

O campeonato da Europa de «leves»

Como resultado da consulta feita ao Emergency Comitee, da Internacional Boxing Union, **o campeonato da Europa de «leves»**, terá **que ser disputado até 15 de setembro proximo. Este campeonato oporá: Seaman Hall, campeão da Europa, e Fred Bretonnel, que o desafiou.**

O campeonato da Europa de «pesados»

O Emergency da I. B. U. foi tambem consultado **sobre o desafio de Van der Veer a Spalla, e do desafio de Humbeck (belga) a Spalla, para o titulo de campeão da Europa de «pesados». Por 4 votos contra 1, o Comitte resolveu recusar Van der Veer e aceitar Humbeck.**

Foi dado um praso de 30 dias a Spalla, actual detentor do titulo, para levantar o repto.

PELOS CLUBS

Sporting Club de Portugal

Reune ámanhã ás 20,30 horas, a Assembleia Geral Ordinaria do Sporting Club de Portugal, sendo a ordem dos trabalhos, a seguinte:

1—Discussão e votação do Relatorio e Contas referentes á gerencia de 1922/23.

2—Eleição dos novos corpos gerentes.

Casa Pia Atletico Club

Para eleição de novos corpos gerentes, reune amanhã, pelas 21 horas, a Assembleia Geral Ordinaria do Casa Pia Atletico Club.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Marqueza de Alegrete, D. Maria Aurora Ribeiro da Silva de Bragança, D. Maria Luisa Travassos Valdez (Bomfim) e D. Margarida Victoria do Moser.

E os srs.:

Dr. Francisco Veloso, Alvaro Tamcirão (Valado), Manuel José Rebelo de Andrade, José de Bessa Pinto, Sebastião Gil de Gouveia Beltrão e José Tavares de Araujo e Castro.

Festa de caridade

Em Cascais

As senhoras da comissão organizadora da festa que se realiza na noite de sabado 27 e na tarde de domingo 28, nos jardins do Sporting Club de Cascais, pedem a todas as pessoas a quem dirigiram circulares pedindo prendas para as diferentes barracas, o favor de remeterem as respostas com a possivel brevidade.

Os donativos podem ser remetidos para casa de qualquer das senhoras da comissão ou em Lisboa, para a rua Nova do Almada, 113, Eduardo Martins ou para a rua Garrett, 112 e 118, Retrozaria David.

«Rendez-vous» elegantes

Agenda

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinées» dos Salões Foz e Chiado Terrasse, onde se realizam as sessões da moda, com explendidos programas de «films» e á noite na sessão da moda do Cinema Condes, onde se estreia um «film» que deverá causar viva sensação, entre a nossa «élite».

Em viagem

Partiu para as Pedras Salgadas, acompanhada de sua filha, a senhora D. Virginia Fontes Pereira de Melo.

—Parte brevemente para Inglaterra, onde conta demorar-se alguns meses, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. Wiliam Rice.

—Partiu ontem para a Guarda, acompanhado de sua esposa o brilhante poeta e nosso querido amigo sr. dr. Augusto Gil.

—Está em Sintra o sr. Francisco dos Santos Moreira.

—Partiu para Belas o sr. Marquês de Borba.

—Encontra-se nas Canarias o nosso presado amigo sr. Vitor de Alcantara Knotz (Sobrinho).

Doentes

Encontra-se doente a sr.ª D. Maria do Carmo Barbosa, filha do nosso querido amigo sr. dr. Carlos Barbosa.

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer)
Recinto de recreios e diversões
TODAS AS NOITES
— CONCERTOS DE JAZZ-BAND —
Aberto das 6 da tarde em deante

Calçado para Campo e Praia
O mais barato de Lisboa
SAPATARIA CHIADO
96 — Rua Garrett — 98

E' ámanhã que se estreiam os quadros «Nogueira de Pinho & Carvalho, Ltd.» e «A Felicidade», além de varios numeros novos, ampliando no EDEN, a revista CALDO VERDE, que será apresentada em espectaculo inteiro, com sensacionais atractivos entre eles a estreia das pequeninas actrizes Auzenda e Idalina.

O que fazia o chefe do partido moralista em casa de
A VIUVA GOMES ?
—! ! ! !
TODAS AS NOITES
no
TEATRO NACIONAL
—Vão lá que já sabem...

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
HOJE . 1.ª representação
da comedia em 3 actos
- Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço -
O cambio... do Marcos

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — A's 8 3|4 e 10 3|4 — HOJE
2 ESPECTACULOS 2
A revista em 2 actos e 10 quadros
FADO CORRIDO
O «record» dos sucessos
Luxuosa montagem!
AVISO — Os bilhetes para o Teatro Maria Vitoria dão entrada gratuita para o Parque Mayer.

VACINAS e SÓROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.
Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas
SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

VERSOS

FEIRA

DE AGOSTO

por Zulmira Falcarreira

(Inspirados numa aguarela de Alberto de Sousa)

A Feira de Agosto na vila da Feira

(por Alberto de Sousa)

Feira de Agosto, alegre e concorrida;
— No País a maior de todo o ano,
Em que, depois de um labutar insano,
O povo dá governo á sua vida.

Mal rompe o sol, deixam a aldeia calma,
Aos grupos, campesinos, sorridentes;
Só ficam nas casitas os doentes...
Mas que afinal tambem lá vão em alma.

E as estradas compridas, pitorescas,
Povoam-se de sombras coloridas,
Que param a resar pelas ermidas,
Ou junto á beira das nascentes frescas.

Trasborda a fruta das canastras velhas;
Escoicinham as mulas espantadas;
E em rebanhos, ao longe, nas quebradas,
Avistam-se, a fugir, mansas ovelhas.

A terra escalda: O sol dardeja a prumo;
O borboletinho torna-se alarido
Tudo se move. Esperto e decidido,
Ao negocio é preciso dar-se um rumo.

Os riscados desdobram-se de pronto,
Cortam-se em metros longos, bem medidos;
As chitas com que se armam os vestidos,
Parece até que choram pelo ponto.

E toda a sorte de mercadorias
Repassa de uma para outra mão...
De canastras vazias já lá vão
Os que foram felizes nesse dia..

Cahe a tarde: Levanta-se uma aragem,
Despovoa-se a feira, pouco a pouco,
Ouve-se, apenas, o mugido rouco,
De algum boisinho ancioso de pastagem.

Uma trigana esbelta e nova ainda,
Embrulhada, a tremer, num chaile preto,
Tem uns braços caidos de esqueleto
E lança olhares de tristeza infinda.

Nos proprios calcanhares assentado
Por terra, uma moçoila reluzente
Traz no rosto a alegria de quem sente
Correr-lhe a vida despreocupada.

Conta o dinheiro e fica satisfeita;
Esconde-o na canastra junto á bôa,
—«Com a ajuda de Deus, bôa colheita,
E para o ano tambem vai ser bôa!»

Mas, erguendo a cabeça, logo encara
Com a pobre mulher que a está mirando...
«—O' Tiasinha! Digadesde quando»
E' que anda assim, mulher, com tão má cara?

Foi desde que perdi o meu marido
Na grande guerra e que não ganho nada.
A minha velha mãe que é entrevada,
Guarda-me em casa um filho adormecido!»

—«Venha d'ai: Vá; leve-me esta giga
—Torna a mulher feliz, emocionada,—
E ao seu filhinho não faltará nada...
—A gratidão a muito nos obriga;

Pois nunca ouvira dizer ao senhor cura,
Se encontra uma mulher teimosa e má,
Ajudai-vos com fé sentida e pura
Que Deus bondoso vos ajudará!»

(Do livro «Azas libertas», em preparação)

Zulmira Falcarreira

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE—O teatro mais concorrido
CASA DE BONECA
Brilhantissima creação de LUCILIA SIMÕES
Notavel conjunto com Antonio Pinheiro, Erico Braga, Amelia Pereira e Mario Santos
Esplendida enscenação de Antonio Pinheiro
O TEATRO MAIS BARATO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00, Frisas e camarotes 25$00 e 15$00
(á venda do dia, sem aumentos)

APOLO Telefone n.º 4129
ÁMANHÃ ÁMANHÃ
A peça em 4 actos, de
VICTORIEN SARDOU
FEDORA
desempenhada pela
COMPANHIA PALMIRA BASTOS

BICHINHA GATA
a revista do
TEATRO AVENIDA
é tão bela e tão bonita; tão cheia de graça e frescura, que meia Lisboa — talvez Lisboa em peso — anda interessada em vê-la... três vezes pelo menos

O crime da Monica
A estreia de hoje no Condes
Deve despertar grande interesse a estreia de hoje no Condes, o novo film «O crime de Monica», cujos principais papeis são desempenhados por Yvete Andreyor e Mr. Toulont. No programa de hoje figuram tambem os dois ultimos capitulos dos «Párias do Amor, a soberba comedia de Harold, «Virtude recompensada», os «Funerais de Guerra Junqueiro», etc. Brevemente estreia do notavel romance de aventuras de um gatuno sentimental «Mãos de Arminho».

Detective
Investigações particulares. Vigilancia de pessoas.
Dá-se referencias.
Caixa Postal 227.

Fatos desde 45$00
(Côres de 3 metros de esplendidas casimiras)
Só nos depositos dos Donas, da Covilhã, porque fabricam e vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos em todos padrões e côres, por menos 30 a 60 %.
DEPOSITOS DE VENDAS A RETALHO:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º.
No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Direcção Geral — Abastecimentos
Venda de papel inutilizado
No dia 30 de Julho, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa, (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de aproximadamente 40.000 quilos de papel inutilizado, sendo a base da licitação $97 cada quilo.
As condições estão patentes em Lisboa, na 4.ª repartição da Direcção Geral (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.
O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio.
Lisboa, 18 de julho de 1923.
O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA
CASA BANCARIA
103, RUA AUREA, 105—LISBOA
Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do Pais e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias.
Telefone C. 3033 End. Tel. SOURA

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção--C. 3194 Administração--C. 3195

CAMINHOS DE FERRO
Serviço de carruagens directas de Badajoz a Valencia d'Alcantara para Figueira da Foz e Porto inversamente
A C. P., no intuito de tornar o mais comodas possivel as viagens de Valencia d'Alcantara e Badajoz para Figueira da Foz e Porto, resolveu que, a partir de 20 do corrente, faça parte da composição dos comboios que servem aqueles percursos algumas carruagens directas de 1.ª e 2.ª classes. Assim, ás terças, quintas feiras e sabados, circulará entre Valencia d'Alcantara e Figueira da Foz, uma carruagem mixta de 1.ª e 2.ª classes de corredor lateral e ás terças, quintas feiras e domingos, no sentido inverso; entre Badajoz e Figueira da Foz, ás segundas, quartas e sextas feiras, circulará uma carruagem de 1.ª classe de corredor lateral, e ás terças, quintas feiras e sabados no sentido contrario.
Entre Badajoz e Porto haverá tambem uma carruagem mixta de 1.ª e 2.ª classes de corredor lateral ás terças feiras e sabados, e ás terças, quintas feiras e domingos no sentido inverso.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Mimi

Mimi era costureira. Mimi era bonita. Mimi tinha uma saia e uma blusa de algodão côr de rosa. Mimi tinha pena de não ser rica. Mimi era quem armava os vestidos caros, as toilettes *preciosas, no corpo duro dos manequins de rodipio.*

Como eram lindas as freguesas! Como ela amava os vestidos das senhoras; como ela queria bem aos figurinos! Como ela saberia vestir aqueles vestidos de baile, de passeio, de trazer por casa, de receber visitaas, de estar á janela, de estar debruçada do camarote, de ir á missa—de se fazer bonita!

E Mimi passou a cometer um pecado feio. Mimi passou a vestir todos os vestidos das freguesas. Todos. Todos eles. Quando uma grande senhora estreava um vestido, já o tinha vestido Mimi. Ela já sabia como o corpo assentava bem, e a saia caia elegante, e a figura que fazia ao espelho, e a impressão que causava nos homens, e a impressão que causava nas mulheres.

Mimi sentia-se pecadora. Não estava mais na sua mão. Vestir todos os vestidos das grandes damas da côrte, que passavam pelo atelier *de* madame X, *onde ela era, Mimi, a mais habil, a mais terna, a mais dedicada, a mais linda das costureirinhas.*

Pudera! Dizem que ela se punha diante de um manequim a armar os corpos, a pregar alfinetes, a suspender guarnições, a copiar modelos, de joelhos e de sorriso, como diante de um altar.

Pudera! Se ela é que estreava todas as toilettes! *Se era para ela que ela as fazia bonitas!*

Pecado feio—vestir os vestidos de outras mulheres! Era como abrir uma carta, arrombar uma gaveta, contar um segredo de uma amiga. Ela bem sabia. Era pecado. Mas Mimi não tinha outro remedio...

Ora um dia Mimi foi rica. De maneira igual aquela porque todas as Mimis são ricas. E Mimi passou a ir tambem ao atelier. *E Mimi passou a mandar fazer vestidos. E Mimi passou a ser uma grande Senhora. Mas nunca Mimi estreou um vestido, vestiu uma* toilette, *pôz uma capa sôbre os ombros belos, envergou uma saida de baile, compoz ao espelho do* atelier *a graça de um modelo raro—que não sondasse primeiro os olhos e as olheiras das outras Mimis.*

Porque ela bem sabia que era nos sonhos de toda a noite que as costureiritas pobres desfloravam os vestidos das freguezas ricas...

N. de A.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 3/64	2 3/32
» 90 dias	—	—
Paris	1$460	1$480
Berlim	0,7	0,12
Holanda	9$700	9$800
Madrid	3$520	3$570
Bruxelas	1$200	1$220
Roma	1$070	1$083
Suiça	4$375	4$425
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	24$600	24$950
Brasil	2$580	2$630
Rio Londres	5 1/2	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

A PROIBIÇÃO DE UMA PEÇA

A moral no teatro

O QUE DIZ o escritor Aquilino Ribeiro

A proibição do «Mar Alto» não podia passar em o protesto dos homens de letras. Nesse sentido, vai ser entregue ao sr. Presidente do Ministerio um protesto que conta já dezenas de assinaturas. Um dos signatarios é o sr. Aquilino Ribeiro, um dos nossos pimeiros escritores, o pro sador mais em foco dos nossos dias.

—Fala-se dum movimento de solidariedade, bem entendido, mas não menos um movimento de protesto, de principios, se o assim o quizer... — diz-nos o autor das «Terras do Demo».

—De solidariedade, é bem compreensivel...

—De solidariedade, pois que a medida policial é lesiva dos interesses e prorogativas da classe, uma vez que por este caminho não ha livro, não ha peça que não possa ser vitima do capricho, bilis, ou veneta do sr. Governador Civil, «mesa censoria«, num só pé, e de esquadra—vexa-nos e entra nas algibeiras, — as pobres algibeiras dos homens de letras de Portugal. Certo é que esta solidariedade não deriva exclusivamente da razão economica, mas é determinada, tambem, pela leviana e injustificavel medida de que o «Mar Alto» foi objecto...

—A proibição foi baseada em que a peça é imoral...

—Perfeitamente e é esse fundamento que nos revolta. Que é moral ou imoral em arte? E' capaz de nos dizer «à priori»? Pois sobre o joelho, ao que consta, foi apreciada e julgada a peça de Antonio Ferro. Tinha o sr. governador civil, ou o seu conselho competencia literaria e filosofica para pronunciarem um tal juizo? E' facil dizer que tal dito, tal situação, tal materia á pornografica. Pornografica, note bem. Mas o criterio que póde simplesmente ajuizar da obscenidade de uma passagem ou de uma peça inteira, não é o mesmo que demanda a obra de arte quanto a receber um veredictum de moralidade ou imoralidade. Se a peça de Antonio Ferro fosse pornografica não quebrariamos nós uma só lança... A luva policial podia levar a pureza, que não levantava o nosso reparo. Mas «Mar Alto» será boa, será má, será moral ou imoral — e nunca o é como outras que teem divertido o sr. governador civil e o sr. chefe de policia no seu camarote especial, nacionais e estrangeiros, não está eivada duma só obscenidade ou dito escabroso...

—Mas no seu criterio, Aquilino Ribeiro, é moral?

—Que se pronuncie Mr. Homais, eu não. A moral é a sciencia dos costumes, melhor um canon para que se proceda desta e não daquela maneira, se pense assim e não assado, se escreva cor de rosa e não vermelho. Na vida as mais das vezes é o transitorio, em arte, por via de regra, o botas de elastico. Ha uma moral social, sem duvida, mas quantas vezes não briga ela com a parte nobre do instinto, contra o proprio bom-senso?!

—Abaixo, pois, a censura?

—Abaixo a censura exercida deste modo. Esta censura que apreendeu o livro da sr.ª D. Judit Teixeira, que é uma poetisa de valor, o livro de Antonio Boto que é um dos nossos maiores liricos, que proibiu «Mar Alto» é vincadamente odiosa. Se é precisa uma tabela mental para o publico, criem-na educada, responsavel, «de toutes pièces». Agora arvorar-se o sr. governador civil, que póde ser um excelente cidadão, mas de que ainda não vimos um só conceito escrito, de que não conhecemos uma só opinião literaria ou moral, em Pina Manique, passa as marcas para terra de brancos.

—Falou-se numa censura exercida pelo ministerio da Instrução...

—Falou, sim. Alguns dos signatarios do protesto e advogam. Outros a repelem «in limine». O publico, quiz-nos parecer, é que tem de ser o verdadeiro censor. Frequenta os teatros que o enfadam ou molestam? Se os não abandona, castigando com a sua ausencia, empresarios e autores, então é que não merece, sequer, que os padeiros se levantem á meia noite para lhe dar o pão envenenado. Continua a ler os escritores que um extravio absurdo ou caprichosa da Providencia roubou á honrosa sovela ou á nobre rabiça? Então não ha remedio para a gravidade do mal. E' abandoná-lo ao diabo — como recomenda em terceiro ou quarto grau a evangelica «correcção fraterna».

—Mas, sr. Aquilino Ribeiro, o «Pimpão» que para aí correu, a «Vie Parisienne» que para aí corre, as «Palavras Cinicas»...

—Sim, tudo isso é pornografia. Um cabo de esquadra sabe qualificá-las. A ditadura literaria da policia póde canalisar-se para aí... para tudo, essa produção de intuitos que visam manifestamente á especulação da torpeza e bestialidade humana. Mas a arte que se esforça por ser arte... deixem-na fóra do alcance do sabre, ou — em hipotese extrema — com pessoas que empunhem o lapis com a esperteza e recto juizo com que o rei Wamba empunhava a Vara.

PELA POLITICA

A saida de Sá Cardoso do Partido Nacionalista

A reunião de hoje

O grupo parlamentar nacionalista encontra-se reunido ás 15 horas, ainda para apreciação do incidente Antonio Maya.

O sr. Carlos Vasconcelos, abandona, por uns minutos, a reunião, e vem ao *buffete* matar a sêde — por ventura, molhar a palavra.

Aproveitámos a ocasião — e a entrevista, a entrevista rapida, instantanea, viva como sardinha acabada de pescar surge á nossa impaciencia — tanto quanto possivel despedida de reticencias. O sr. Carlos Vasconcelos é dos que lançam opiniões, sem desnecessarios rodeios.

—Então as negociação?

—Sá Cardoso deve responder hoje. Estamos á espera.

—Mas a sua resolução parecia inabalavel...

Um encolher de ombros do deputado—e logo:

—Não ha resoluções inabalaveis quando proveem de equivocos, como este.

—Mas suponhamos que Sá Cardoso não regressa... E' a morte do partido!

—Qual?

—Acompanhá-lo-hão muitos correligionarios.

—Os responsaveis pelo incidente. Os que se manifestaram barulhentamente. Os outros, não. Mas regressa. Sá Cardoso regressa.

—Que se tem passado na reunião?

—Estamos tratando do incidente Antonio Maya. As comissões não deram parecer favoravel á proposta do governo.

—Mas Antonio Maya já requereu o levantamento das imunidades?...

—Não temos nada com isso. Defendemos os principios, mais nada.

—Não acha que as funções legislativas e militares são incompativeis?

—Estamos discutindo esse ponto. Parece, efectivamente, que o são, em face da propria Constituição.

—E' essa, de resto, a opinião de Cunha Leal...

—Sim. Cunha Leal defende esse modo de vêr...

O dr. Carlos de Vasconcelos, que já tinha matado a sêde, despede-se e volta para a reunião do seu grupo que deve receber, possivelmente, esta tarde ainda, a resposta do sr. Sá Cardoso.

PENDENCIA

João Emauz-Venancio Guimarães

Pedem-nos a publicação dos seguintes documentos

DOCUMENTO N.º 1

Lisboa, 18 de Julho de 1923. — Meus ex.mos amigos drs. Vasco Borges e Antonio Horta Osorio. — Tendo recebido hoje uma carta do sr. Venancio Guimarães em que me são dirigidas varias expressões injuriosas, venho pedir a v. ex.as a fineza de o procurarem e de exigirem dele uma retratação completa de todos os dizeres da mesma carta ou uma reparação pelas armas, para o que lhes dou plenos poderes. — Sou de v. ex.as amigo e obrigado, (a) *João Emauz Leite Ribeiro.*

DOCUMENTO N.º 2

Acta de carencia

Lisboa, 19 de Julho de 1923. — Ill.mo sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, nosso presado amigo. — No desempenho da honrosa missão que por v. ex.a nos foi confiada, procurámos ontem o ex.mo sr. Venancio Guimarães a quem lemos a sua carta de poderes, pedindo-lhe que nos pozesse em contacto com os seus representantes.

Respondeu-nos aquele senhor que não sabia ainda se, em face dos termos da carta que escrevera a v. ex.a podia ou não nomear testemunhas, mas que se o fizesse, elas seriam os ex.mos srs. drs. Antonio Videira e Lelo Portela prometendo em todo o caso fazer-nos saber a decisão que tomava.

Recebemos hoje do referido senhor a carta que enviamos a v. ex.a e que não transcrevemos por causa dos termos em que vem redigida, mas que, em sumula diz que o seu contendor se recusa a aceitar a questão no pé em que v. ex.a a colocou, pelo que se dispensa de nomear os seus representantes.

Lamentamos nestas condições não ter podido obter para v. ex.a a reparação a que tinha direito e damos por finda a pendencia com honra para v. ex.a. — Somos de v. ex.a com a mais elevada estima e consideração, amigos m.to att.os e obg.dos, (a) *Vasco Borges*, (a) *Antonio Horta Osorio.*

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

BENEFICENCIA

A festa de esta noite da "Casa dos Jornalistas" no teatro S. Luiz

O jornalista é, entre os trabalhadores que mais trabalham o mais sacrificado. Arruina-se dia a dia na lufa-lufa da reportagem sensacional, na confecção da cronica ligeira que ha de distrair o leitor exigente — sem que o seu esforço a maior parte das vezes seja compreendido.

E' a profissão que tem menos compensasações. E' a mais ingrata, a mais ingloria, a mais extenuante.

E não tem reforma. Quando um de nós tomba exausto de fadiga a meio desta estrada ingreme que é o jornalismo, resta-lhe acolher-se ao hospital — se os lugares não estão todos tomados.

Raposo de Oliveira, camarada são, alma de uma sensibilidade que não é vulgar nos

José Sarmento e Raposo de Oliveira
presidente e secretario da Casa dos Jornalistas

tempos de hoje, lembrou-se ha anos de fundar a «Casa dos Jornalistas» — casa de repouso destinada a reconstituir o espirito e o corpo dos que se queimam neste «métier» exgotante.

A ideia ganhou rapidamente terreno. De todos os lados surgiram pessoas amigas que se dispuzeram, com expontaneidade a auxiliá-la.

Presentemente, a «Casa dos Jornalistas», é já uma instituição de que todos nós temos tudo a esperar.

* * *

Palmira Bastos, artista notavel, lembrou-se de oferecer aos jornalistas uma festa brilhante, com a colaboração da excelente companhia que dirige.

Essa festa realiza-se, esta noite, no Teatro de S. Luís e é desnecessario encarecê-la para que o publico encha literalmente o elegante teatro. Será uma festa digna de quem a promoveu e digna daqueles a quem é dedicada.

O programa foi elaborado da seguinte forma:

Primeira parte — «Os Conquistadores», peça em 3 actos, de Charles Méré, tradução de Acacio de Paiva, desempenhada pela insigne artista Palmira Bastos, pelo notavel actor Carlos Santos e pelos distintos artistas Samwel Dinis, Alves da Cunha, Joaquim Miranda, Humberto Miranda e Octavio Bramão.

Segunda parte — «Conferencia sobre jornalismo», pelo eminente orador sr. dr. Cunha e Costa.

Terceira parte — «Canções portuguesas», pela brilhante e gentilissima actriz Luisa Satanela; monologos pelo notavel actor comico Esvão Amarante; «ramanzas» pela gentilissima actriz Maria de Lourdes Cabral; versos, pelo ilustre actor Henrique de Albuquerque.

Os poucos bilhetes que restam estão á venda na bilheteira do teatro.

Revista «DE TEATRO» — A' venda N.º 10
A peça de Aura Abranches
MADALENA ARREPENDIDA
O episodio de Ester Leão
Uma historia de boneca
Colaboração de Matos Sequeira, Augusto Lacerda, André Brun, Antonio Ferro, João Ameal, Nobre Martins, Gastão de Bettencourt, Oscar da Silva, etc.

— GUY D'OLIVEIRA —
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Agres Kopke*
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

AS CRIANÇAS ESTRANGULADAS

O triplice filicidio

A POLICIA acabou hoje as investigações

Baixou o pano sobre o ultimo acto da tragedia? O adjunto da Investigação, sr. dr. Crispiniano da Fonseca, assim o julga; ou por outra: assim o confessou hoje ao jornalista; e o jornalista—já se vê—acreditou até onde lhe foi possivel.

Durante o dia prosseguiram, no entanto, as diligencias—retoques de ilucidação; pormenores do facto fundamental confessado já; uma que outra inquirição complementar—estando as autoridades policiais convencidas de que nada mais ha a investigar no triplice filicidio da rua da Escola Politecnica.

D. Maria José Guerreiro, a criminosa, vimo-la por uma fresta no quarto-enxovia onde aguarda o procedimento da Justiça. Estava deitada de bruços no catre; e chorava, chorava convulsivamente; a cabeça escondida sob uma almofada que lhe abafava a violencia das lagrimas. Sósinha. Ninguem a tem visitado. Não teve, até agora, senão uma amiga que arrostasse com a coragem de ir vê-la.

A familia—os pais—tambem não mais quizeram defrontá-la; e, ainda que quizessem, não poderiam consegui-lo, porque o desgosto e a vergonha os mataram, quasi. Para eles, a filha morreu. Puzeram luto na alma e puzeram luto no vestuario, e ficaram-se assim, a aguardar em casa, perdidos de pena e amachucados de dôr, que a desgraça acabe de aniquilar aquele inferno em que a vida se lhes tornou.

— E' certo que o general Guerreiro pediu a demissão de oficial do exercito, num assomo de dignidade que é mais uma prova da sua nobresa de caracter?

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca não sabe o que ha, de positivo, a tal respeito. Sabe apenas que o general, se pediu a demissão e lha deram, fica de todo na miseria. Quando lhe entrou em casa, para iniciar as investigações, notou que havia sob aquele teto um pequeno museu de raridades valiosas. E o general, ouvindo elogiar algumas das peças guardadas, confessára:

— E' toda a minha fortuna! Não tenho senão isto e o meu soldo.

A familia do sedutor, inquirida hoje, disse á policia coisas que a policia não relata, mas que o jornalista pode reconstituir, por informações suas, sem grande perigo de desacerto.

E' contra a criminosa, abertamente; aventa, mesmo, a possibilidade dela se servir do nome de um morto para salvar alguem que vivo esteja.

Mas pouca gente acredita em tal. Uma criada velha da casa Guerreiro informa assim, em conversa:

—A senhora e o sr. general nunca vi que, na mais pequena coisa, não fossem da maior austeridade. E a menina—ninguem me tira isto da cabeça—não contou á mãe nada do que se passou, precisamente porque lhe tinha um grande respeito. Temia-a demais; e deve ter sido por isso que nunca se atreveu a contar-lhe o sucedido. Foi uma desgraça! Foi uma grande desgraça!

Alguem da policia, cujo nome não importa, a informar tambem:

—Não vejo motivo para se duvidar mais das declarações da criminosa. Deve ser absolutamente certo o que ela diz. O que a mulher tem, é ser, de certo modo, duma nobreza pouco vulgar. Não acusa o seductor; e só mente quando afirma que ele nunca soube dos crimes. Essa é que eu não acredito; antes me convencendo de que, ao contrario do que possa supor-se, o que ela pretende é defendê-lo, não o envolvendo, nem mesmo depois de morto, nos delictos em que foi, pelo menos, conivente.

—As investigações estão, portanto, no fim?

—Sim; tambem me parece que o sr. dr. Crispiniano da Fonseca tem rasão: deve ter baixado o pano sobre o ultimo acto da tragedia.

NOTICIAS DIRECTAS

O CHEFE DO ESTADO está melhor

tendo sofrido uma intercolite gotosa

(Do nosso enviado especial ao Gerez)

GEREZ, 19 — Estive esta tarde nos aposentos do sr. Presidente da Republica, que tem recebido as maiores provas de carinho, por motivo de se lhe ter acentuado a gravidade da doença nos ultimos dias. Falei com o seu medico assistente o sr. dr. Oliveira Luzes, que me disse ter sido o sr. dr. Antonio José de Almeida atacado de uma intercolite gotoza, de caracter grave, felizmente já debelada, tendo-se de começo ocultado a gravidade da doença a pedido insistente do proprio Chefe do Estado, que confiado no caracter transitorio da enfermidade não quiz dar ao governo uma preocupação inutil, segundo ele. O dr. Oliveira Luzes disse-me que sobre o ilustre doente causou grande depressão a circunstancia de não poder ir a Lisboa tomar parte no funeral de Junqueiro, seu grande amigo particular. A morte do Poeta impressionou o dr. Antonio José de Almeida de uma maneira alarmante para os medicos, pois o ilustre enfermo foi tomado de um estado febril constante, que deve ter contribuido para o aparecimento da intercolite.

O sr. dr. Antonio José de Almeida está agora melhor, relativamente, sem febre, bem disposto, levantando-se, mas não saindo do quarto, onde lhe são servidas as refeições.

Fui recebido por madame Antonio José de Almeida, que se encontra gratissima, como seu marido, a todas as pessoas que se interessam pela marcha da doença, e que me disse — que logo que esteja melhor, o sr. Presidente da Republica retira imediatamente para Lisboa. Os medicos do Porto, e que retiraram logo, são amigos pessoais do Chefe do Estado, e vieram cumprimentá-lo pelo dia dos seus anos. — *(A. P.)*

Pelos teatros

"Mar Alto"

E' do seguinte teor a representação dirigida ao chefe do governo, contra a proibição da peça «Mar Alto»:

«Exm.º Sr. Presidente do Conselho e Ministro do Interior.— Os abaixo assinados, homens de letras, jornalistas e artistas, vêm protestar junto de V. Ex.ª contra a medida precipitada e injustificavel que proibiu a representação do drama de Antonio Ferro «Mar Alto». Ao mesmo tempo que lavram o seu veemente protesto recusam-se a reconhecer á autoridade policial competencia para aquilatar da moralidade ou imoralidade duma obra literaria.

Em conformidade, reclamam que a proibição lhe seja levantada e repelem a especie de Mesa Censoria tão ominosa como importuna em que a policia se vem arvorando, na certeza de que, nesta atitude, não vai a menor solidariedade para com os especuladores da pornografia no livro e no teatro.

Os abaixo assinados ficam na espectativa do deferimento quanto á representação que têm a honra de levar junto de V. Ex.ª, sr. presidente do Conselho.»

(aa) Raul Brandão, Antonio Arroyo, Joaquim Manso, Samuel Mais, Antonio Sergio, Alvaro de Andrade, André Brun, Norberto de Araujo, Robles Monteiro, Aprigio Mafra, José Gomes Mota, Azeredo Perdigão, Raul Proença, Aquilino Ribeiro, Pedro Bordalo Pinheiro, Jaime Cortezão, Gualdino Gomes, João de Barros, José Pacheco, Alfredo Cortez, José Paulo da Camara, A. Rocha Peixoto, João Correia d'Oliveira, Luna de Oliveira, Artur Portela, Celestino Soares, Francisco de Lacerda, Vitoriano Braga, Antonio de Menezes, Fernando Pessoa, Mario Salgueiro, João Ameal, Cristovam Aires (filho), Rocha Junior, Carlos Selvagem, Herculano Nunes, Alves Martins, Rogerio Perez, Francisco da Silva Passos, Sarmento Duque, Felix Correia.

A representação continua a ser assinada por escritores e jornalistas.

O cambio... do Marcos

E' hoje que no Politeama se representa pela 1.ª vez a comedia, adaptação de Tomás Ribeiro Colaço, «O cambio... do Marcos». Segundo informações que colhemos é uma peça curiosissima, interessante pelo dialogo, cheio de espirito, e com admiraveis situações, tendo a interpreta-la nos principais papeis, os distintos artistas da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, Robles Monteiro, Gil Ferreira, Raul de Carvalho, Delmiro Rego Maria Mesquita, Ester Leão, Constança Navarro e Antonia Mendes. A acção passa-se, 1.º acto nos arredores da Granja, o 2.º na Anadia e o 3.º em Lisboa. A encenação é do ilustre escritor Augusto de Lacerda.

Atrás do reposteiro

Ao contrario do que se disse, o negocio da compra do teatro Avenida pelo emprezario José Loureiro ainda não está concluido, proseguindo todavia as respectivas negociações.

— Erico Braga realisa no dia 27 do corrente, em S. Carlos, a sua festa artistica, com a engraçada comedia «Carta anonima», desempenhando o papel de «Conçalo». A ilustre actriz Lucilia Simões incumbiu-se de um papel comico, facêta desconhecida do publico de Lisboa.

— A revista do Eden, «Caldo Verde», apresenta-se ámanhã completamente remodelada, com os quadros novos «A Felicidade» e «Nogueira de Pinho & Carvalho, Ltd.ª», estreiando-se as actrizinhas Auzenda e Idalina.

— Com o emprezario José Loureiro segue para o Rio de Janeiro, no «Lutetia», o nosso camarada de imprensa Simões Coelho, que vai exercer o cargo de secretario do mesmo emprezario no Brazil.

— Já regressou do Porto a companhia de que é emprezario o actor Otelo de Carvalho e que fará a epoca de inverno no teatro Apolo.

— «Fado Corrido», a revista que nos ultimos tempos maior sucesso tem alcançado, continua atraindo ao teatro Maria Vitoria extraordinaria concorrencia. Repete-se hoje em dois espectaculos ás 8 e 3/4 e 10 e 3/4.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,15—«Casa de boneca».
Nacional — As 21—«A Viuva Gomes».
S. Luis—A's 21—Festa da «Casa dos Jornalista».
Politeama—A's 21—«O cambio... do Marcos».
Avenida—Não ha espectaculo.
Apolo — A's 21,15 — «Morgadinha de Vale Flor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden — Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

Politeama HOJE 1.ª representação
O CAMBIO... DO MARCOS
Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço

INQUILINATO COMERCIAL

UM ACORDÃO ABSOLUTAMENTE ILEGAL

obriga o ilustre advogado dr. Acacio Furtado a declinar o seu mandato perante a firma Eduardo Martins & C.ª, Ltd.ª, sua constituinte, vitima de um processo odioso que lhe move a União dos Proprietarios

Inacreditavel tudo o que abaixo se revela, mas elucidativo de sobra!

Pedem-nos a publicação dos seguintes documentos ácêrca da questão de inquilinato comercial em que é justamente interessada a conhecida firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, ao Chiado.

Lisboa, 19 de Julho de 1923—*Ex.mos Srs. Eduardo Martins & Companhia, Limitada.*—Amigos e senhores—A atitude, para mim absolutamente incompreensivel, assumida pela Relação de Lisboa em varias decisões proferidas ultimamente nos autos de traslado do processo de despejo que contra v. ex.as moveu a Companhia de Seguros União dos Proprietarios e que subiu ao Supremo Tribunal de Justiça em segunda revista para julgamento em Tribunal Pleno, obriga-me por um indeclinavel dever de consciencia a vir perante v. ex.as expor, com toda a isenção e lealdade, o que segue:

Imensamente honrado com o mandato que v. ex.as me confiaram para a vossa defeza perante os tribunais, nas diversas acções de despejo que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios vos moveu, eu tenho a consciencia de ter posto até hoje ao serviço do patrocinio da vossa justissima causa todo o meu esforço e toda a minha dedicação. Mas sinto ter que dizer-lhes que, depois de varias outras decisões do Tribunal da Relação, quasi todas elas claramente demonstrativas da hostilidade com que ali são recebidos e apreciados os meios, aliás sempre absolutamente legais, por mim usados em legitima defeza vossa, um acordão, datado de ontem, acabou de convencer-me da completa inutilidade dos meus esforços.

Sabem bem v. ex.as que a Companhia União dos Proprietarios tem mostrado todo o mais decidido empenho de fazer baixar o traslado á 1.ª instancia para dar execução ao despejo, antes que o Supremo Tribunal de Justiça se pronuncie sobre o acordão da Relação que tal despejo decretou. Cabia-me a mim, como vosso advogado, o indeclinavel dever de usar dos meios legaes ao meu alcance para obstar á violencia inqualificavel que esse despejo representaria, desde que ele inutilisaria em absoluto a acção e futura decisão do Supremo Tribunal de Justiça e causaria a v. ex.as prejuizos absolutamente irreparaveis. Não havia, não ha, não pode haver advogado algum digno d'este nome que, em identicas circumstancias, o não fizesse. Não ha, não pode haver consciencia limpa que reprove o meu proceder. Mas o sr. juiz relator tem sido incansavel na descoberta de meios, qual d'eles o mais arbitrario e o mais ilegal, para destruir em absoluto os efeitos da minha defeza—aliás tão legitima que seguramente nenhuma outra mais legitima em caso algum pode haver—e facilitar, contra lei, a baixa do traslado á 1.ª instancia, para a tão ambicionada execução do despejo antes de o Supremo Tribunal de Justiça dizer sobre o caso a sua ultima palavra pelo voto de todos os seus juizes.

Seria longa a historia d'esses casos verdadeiramente tipicos—e unicos, sem duvida, nos anaes do fôro portuguez—bastando, porém, referir-lhes por agora o que em acordão de hontem o sr. relator arquitetou. Tendo o Ministerio Publico, em cumprimento de uma disposição expressa na Tabela de Emolumentos, promovido que o traslado fosse á conta para se liquidar um debito á Fazenda Nacional, o sr. relator tão desorientado ficou com essa promoção que, não podendo deixar de a deferir, mas prevendo que o seu deferimento iria reter, legalmente, por mais alguns dias o traslado da Relação, teve o gesto heroico de mandar arrancar do processo a folha em que tal promoção fôra escrita. O gesto, porém, era tão heroico como ilegal e o escrivão do processo viu-se obrigado a informar que não sabia como havia de cumprir aquela ordem, porque a folha referida era parte integrante do processo, e este, sem ela, ficaria incompleto, tanto mais que faltava solver o debito á Fazenda Nacional. Acusou o sr. relator perante essa informação do escrivão, mas não desanimou. Lavrou a seguir o acordão de 18 do corrente, onde se determina:

a) que não se arranque a tal folha isoladamente, mas que

b) o escrivão arranque, conjuntamente com ela, mais seis folhas que a antecedem, e

c) que remeta imediatamente para a 1.ª instancia o traslado assim mutilado.

d) com ordem expressa, porém, para não intimar o acordão senão depois de ter feito aquela remessa!!!

Isto dispensa comentarios de qualquer natureza, tão flagrante de ilegalidade e não sabemos de que mais se revela. Mas não deixaremos de notar, para mais evidenciar tal ilegalidade, que o proprio sr. relator, em outro acordão anterior, de 4 do corrente mez, tinha julgado que o traslado não poderia baixar á 1.ª instancia por emquanto, por estar pendente da resolução do tribunal uma reclamação por erro de conta. Pois desse acordão de 4 do corrente não houve recurso algum, e a reclamação por erro de conta ainda não foi resolvida.

Portanto, o traslado não podia, legalmente, baixar por emquanto á 1.ª instancia. No emtanto, o acordão de hontem ordenou a mutilação do traslado e a baixa imediata: Que arbitrio e que contrasenso!!! Resta agora saber como é que o sr. relator se julgará habilitado a julgar a reclamação por erro de conta, depois de ser remetido para a 1.ª instancia o traslado sobre que aquela conta incidiu!

Tudo isto é tão incompreensivel que eu sou levado a supôr que existe da parte do sr. relator, sem eu saber porquê, qualquer má vontade contra mim revelada, aliás, a cada passo na secura e aspereza dos seus despachos e acordãos. E como não quero, de fórma alguma, que o facto da minha intervenção e da má vontade que quem quer que seja tenha contra mim possa, de qualquer fórma, refletir-se contra v. ex.as, peço licença para lhes dizer que os offero pôr completamente á vontade para, querendo, livremente me poderem substituir por qualquer outro advogado que, mais ditoso do que eu, consiga as boas graças do sr. juiz relator, que tão ostensivamente hostil me tem sido.

Não julguem, porém, v. ex.as, nem julgue alguem que isto equivale a uma cobarde retirada da minha parte, pois termino por por lhes afirmar categoricamente que, se v. ex.as entenderem dever continuar a honrar-me com a vossa confiança, eu proseguirei indefectivelmente na defesa da vossa justissima causa, sejam quais forem as consequencias de naturesa pessoal ou profissional que para mim, de ora ávante, daí resultem. E subscrevo-me com muita dedicação e subida estima.—De v. ex.as, at.°, ven.° e obrig. —**Acacio Ludgero de Almeida Furtado.**

Lisboa, 19 de Julho de 1923.—Ex.mo sr. dr. Acacio Ludgero de Almeida Furtado.—Prezadissimo amigo e senhor:—Temos presente a carta que v. ex.a nos acaba de dirigir com data de hoje e pelos factos que a mesma vem revelar-nos não podemos deixar de lhe dar a publicidade que a mesma merece. A forma digna e proficiente como v. ex.a vem defendendo os nossos direitos só merecem a nossa absoluta aprovação e reconhecimento. Portanto, vimos reiterar a v. ex.a a nossa absoluta confiança e pedir-lhe a especial fineza de continuar a dispensar á nossa causa o mesmo interesse, dedicação e sacrificios como até hoje, certos como estamos que ninguem melhor do que a v. ex.a, podiamos confiar a defeza dos nossos justos interesses.

Esperando a anuencia de v. ex.a a este nosso desejo, subscrevemo-nos com muita estima e superior consideração.—De v. ex.a—Muito atentos, veneradores e obrigados, —*Eduardo Martins & Comp.a, Ltd.*

COMPANHIA DA AFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

ENTREGA DE ACÇÕES

Avisam-se os subscritores da 2.ª emissão de acções desta Companhia, que podem efectuar a troca das suas cautelas pelas acções, na sede do Banco Colonial Português, ás 2.as, 4.as e 6.as feiras das 10 ás 11 ½ e das 13 ½ ás 15 horas, devendo as cautelas ser assinadas no verso e as assinaturas devidamente abonadas ou reconhecidas.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MEYERS
Solarine
PUTZ-CREAM
PUTZ-CREAM
O GENUINO PRODUTO ALEMÃO
O melhor e mais economico liquido para limpar metais
Unicos representantes e depositarios em Portugal
H. GROTHKOP L.DA
R. Arco do Bandeira, 79 2.°
LISBOA
TELEFONE C. 55

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS
Compra e vende
Livraria Peninsular
79, Rua Poço dos Negros, 79
LISBOA—PORTUGAL

TERRENO
Vende-se barato, com a area de 6:000 metros quadrados, na totalidade ou em talhões, na calçada da Quintinha (a Campolide), junto ao chafariz.
Trata-se na rua Rodrigo da Fonseca, 24, 1.°, esquerdo.

COLARES
VIUVA GOMES
que se vende em todas as boas casas
Grande Prix na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922
Agentes gerais no país:
Regional Vinicola, L.da
DEPOSITO
R. Nova da Trindade, 90 (Tel. N. 2644)
PROPRIETARIA
Companhia de Vinhos e Azeites de Portugal
R. do Alecrim. 53, r/c. (Tel. C. 5113)

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos
GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
O que vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430
Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.DA
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUÊSES

OFICINAS GERAIS

ADMISSÃO DE ESTOFADORES

Admitem-se estofadores para serviço permanente nas oficinas desta companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia.

Lisboa, 7 de Julho de 1923.

O Director Geral da Companhia
a) Ferreira de Mesquita

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE CONSTANTINOPLA

Uma seita composta de cem individuos

propunha-se incendiar propriedades na Turquia

CONSTANTINOPLA, 20

A policia turca prendeu os membros duma associação composta, segundo parece, de mais de uma centena de individuos que tinha por fim lançar fogo de acordo com os proprietarios a varios edificios que tinham sido previamente postos no seguro em quantias muito elevadas. A quadrilha era dirigida por armenios. O chefe que era um antigo empregado publico declarou que tinha adotado esta resolução para poder viver visto que a sua pensão da reforma lhe não chegaria se fosse paga e que as mais das vezes não era paga.— (R.).

O kalifa

vai rezar no meio de mulheres

CONSTANTINOPLA, 20

O kalifa Abdul Modjid Effendi dirigiu-se á Mesquita do Conquistador para fazer as suas devoções rodeado por um esquadrão de lanceiros formado de mulheres turcas sob o comando de Kara Fatima Hanoum que combateu durante a guerra com a Grecia. — (R.).

CONVEM SABER PARA VOSSO INTERESSE que o **Deposito da Covilhã**, tem oficinas de alfaiataria para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, e por preços excecionais, tomando a responsabilidade pela «boa confecção e aprimorado acabamento». Continua a vender excelentes casimiras de estambre para homem e senhora, e lãs em fio para malhas, **ao preço da fabrica. Mandam amostras ao domicilio.**

ROCIO. 93, 2.º andar (tem elevador).

FILIAL, rua do Ouro, 206, 1.º esquina da rua da Assunção, entrada LOJA DA AMERICA.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis. T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205-N

LAXEOL

O unico producto que cura todas as doenças intestinaes

Lab. Farm. Internacional — R. DO OURO, 228

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

ATLAS — O MELHOR CALÇADO

CAMPO E PRAIAS

Antes de partirem forneçam-se na Casa Atlas.

Rua do Ouro, 198

MAQUINAS DE ESCREVER IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Mussolini e a imprensa italiana

Um projecto de regulamento que vai ser posto em vigor dentro de dias

Mussolini apresentou recentemente ao seu conselho de ministros—que o aprovou—o seguinte projecto de regulamento da lei de imprensa, que começará a vigorar desde a sua publicação na folha oficial:

«A falta de um regulamento para a execução da lei de imprensa de 26 de março de 1848, e, em particular, a falta de disposições referentes á instituição de editor responsavel nas publicações periodicas, determinou um abuso tão manifesto dessa liberdade sabiamente concedida á Imprensa, que se chega já ao ponto de falsear o conceito fundamental da lei. Tal inconveniente tem-se agravado, mercê do deturpado sentido da responsabilidade que expõe o Estado e a nação a graves danos e perigos, prejudicando o credito publico e o prestigio das instituições politicas e religiosas, nas quais a grande maioria do povo italiano tem posta a sua fé, tornando, por vezes, dificil aquela obra de disciplina e tutela da lei e da ordem publica que está confiada ao governo. A fim de obviar a tal inconveniente, o Conselho aprovou o seguinte projecto de regulamento:

Artigo 1.º—O editor responsavel de um jornal ou de qualquer outra publicação periodica exigido pelos artigos 36.º e 37.º da lei de imprensa de 26 de março de 1848, deve ser ou o director ou um dos principais redactores. Os senadores e deputados não podem exercer tal função.

Não podem assumir, tambem, a qualidade de editores—os perdem-na se a tiverem assumido—os individuos que tenham sido condenados duas vezes por delictos de imprensa.

O prefeito da provincia fica autorisado, mediante resolução motivada, a negar o reconhecimento da qualidade de editor aqueles a quem faltam os requisitos estabelecidos no paragrafo primeiro do presente artigo ou se encontrem nas condições apontadas no segundo.

Art. 2.º—O prefeito da provincia fica autorisado, áparte a acção penal adequada, a admoestar o editor de um diario ou de uma publicação periodica:

a) Se o diario ou a publicação periodica, com noticias falsas ou tendenciosas, ocasionar dificuldades ao governo na sua acção diplomatica; prejudicar o credito nacional no país ou no estrangeiro; espalhar alarmes injustificados ou perturbar de qualquer modo a ordem publica;

b) Se o diario ou publicação periodica com artigos, notas, titulos, ilustrações ou gravuras, excitar á pratica de delictos ou ao odio contra alguem, ou á desobediencia ás leis ou ás autoridades; ou perturbar a disciplina entre os executores de um serviço publico; ou favorecer os interesses de Estados, entidades ou estrangeiros particulares, em prejuizo dos interesses italianos; ou emfim, vilipendiar a patria, o rei, a familia real, o Sumo Pontifice, a religião do Estado, as instituições e os poderes do Estado e das potencias amigas.

O castigo aplicar-se-ha mediante decreto motivado, ouvido o parecer de uma comissão composta de um juiz nomeado pelo primeiro presidente, de um substituto, fiscal de Sua Magestade, nomeado pelo fiscal do Tribunal de Apelação, e de um representante da classe jornalistica, nomeado pela respectiva associação local. Os poderes desta comissão duram um ano.

Art. 3.º—O prefeito da provincia, ouvida a comissão a que alude o artigo precedente, tem faculdades para declarar cessado o editor responsavel ou recusar o reconhecimento de um novo editor do jornal ou da publicação periodica, cujo editor ou cujos editores tenham sido condenados duas vezes no espaço de dois anos, a penas restritivas da liberdade não inferiores a seis meses, por qualquer delito da imprensa, ou, ainda, que, no espaço de um ano tenham sido admoestados duas vezes nos termos do artigo precedente.

Contra a resolução prevista neste artigo admitir-se-ha recurso para o Ministerio do Interior, e contra a resolução do ministro levar-se-ha recurso, por violação da lei, incompetencia ou abuso do poder, ante a secção IV do conselho de Estado.

O presente decreto entrará em vigor desde o dia da sua publicação na «Gazeta» oficial.»

Uma extraordinaria novidade!

O que vai ser a epoca de verão no Teatro S. Luís

A novidade que ontem demos em primeira mão aos nossos leitores de que a deslumbrante revista **Fado Corrido**, em sucesso indestrutivel no teatro Maria Vitoria, vai ser representada ao mesmo tempo no S. Luís, mereceu a admiração do publico, que imediatamente perfilhou e consagrou a ideia. A nossa noticia causou enorme sensação em todos os meios lisboetas.

Foi discutida apaixonadamente e fez erguer comentarios de aplauso e apreciações merecidamente elogiosas.

Fado Corrido, que no elegante teatrinho do Parque Mayer está posta em scena com desusado luxo, apresentará no S. Luís surprezas maiores ainda de enscenação, porque o vasto palco daquela linda casa de espectaculos permite mais largos vôos de imaginação aos scenografos e aos «costumiers».

As apoteoses do **Fado Corrido** no S. Luís são inteiramente diferentes das que estão sendo exibidas no Maria Victoria. A empresa já encarregou da sua realização os mais distintos scenografos de Lisboa.

Já ontem aludimos ao interesse que despertarão no publico os confrontos de desempenho, entre os artistas do S. Luís e os do Maria Victoria, que conseguiram fazer-se aplaudir com justiça pela maneira brilhante como criaram os seus papeis. Damos hoje o elenco completo da Companhia do S. Luís, a quem a empresa confiou os interessantes e graciosos papeis do **Fado Corrido.**

Teodoro Santos e Tereza Taveira (contratados em representações), Elisa Santos, Carmen Sorrillos, Ofelia Brochado, Virginia de Sousa, Bailarina Yulu, Alberto Ghira, Alvaro de Almeida, Fernando Pereira, Aurelio Ribeiro, Julio Burgos e Adolfo Sampaio.

A enscenação e direcção artistica é de Rosa Mateus, que já prestou sobejas provas do seu valor e competencia.

"DIARIO DE LISBOA" (VENDE-SE, EM PARIS, NA RUE SAINT LAURENT, 3

AS REPARAÇÕES

A atitude da França na região do Ruhr

é reprovada pela opinião publica britanica

LONDRES, 20

Os jornais londrinos são unanimes em considerar a complexidade da situação europeia como extremamente difícil, dizendo que só uma soção comum é possivel.

Reconhecem contudo que a opinião publica não pode aprovar a atitude da França na ocupação do Ruhr, sendo para desejar que a Liga das Nações interviesse no complicado problema europeu, pois as soluções da Liga são as unicas que podem ter um resultado permanente.

Proseguindo nesta maneira de vêr referem-se ás negociações de Lausanne que teriam sido mais satisfatoria e rapidamente conduzidas se o fossem sob a egide da Liga, porque os exitos das soluções não dependem de governos algum, pois são a absoluta pertence, mas sim da opinião publica mundial que é a mais reconhecida autoridade em todos os assuntos internacionais, mas que é impossivel consultar sem que os problemas tenham sido submetidos á Liga como primeira instancia — (E.)

Lord Curzon

recebeu o embaixador alemão

LONDRES, 20

Lord Curzon recebeu ontem o embaixador da Alemanha, assegurando-se nas esferas governamentais que o dr. Shamer entregou ao ministro dos Negocios Estrangeiros um «memorandum», no qual são dados particulares pormenores sobre a ultima proposta alemã para as reparações.

No conselho de ministros, realisado ontem, foram apreciados e discutidos três documentos sobre o problema das reparações, todos da autoria de lord Curzon.

A preparação da resposta á Alemanha, e da nota que a acompanha, foi largamente esplanada, sendo possivel que a sua remessa aos aliados seja adiada para a proxima semana. — (E.)

Os alemães

vão cessar a resistencia passiva?

LONDRES, 20

Nos circulos politicos e diplomaticos diz-se insistentemente que os alemães estão dispostos e preparados para cessar imediatamente a resistencia passiva, se as tropas francesas regressarem á primitiva fórma de ocupação invisivel.

A cessação da resistencia passiva teria precisamente logar logo após o abandono das medidas coercivas franco-belgas.—(E.)

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

SCALABITANOS

Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!

DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196

RUA AUGUSTA, 70, 2.º

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

GREVE DE BRAÇOS CAIDOS

Os fosforos voltam a aumentar de preço?

Estamos na fabrica da Companhia dos Fosforos, ao Po o do Bispo. Quando entrámos o portão notámos que numa casa á direita se encontrava um numeroso grupo de operarios:

—Está alguem da comissão de melhoramentos?

—Não, senhor. A comissão foi ha pouco para Lisboa, avistar-se com o sr. director da Companhia e com o ministro das Fi nças.

—Estão em greve?

—Agora não. Estamos cumprindo cinco dias de suspensão por termos infringido os regulamentos da companhia na segunda feira.

—Como foi isso?

—Desde Fevereiro que o pessoal vem reclamando aumento de salario sem que até á data seja atendido. Farto de esperar e reclamar resolveu na segunda feira entrar para as oficinas e não trabalhar.

—Greve de braços caidos...

—Pudera! O peior é que a companhia nos impôs cinco dias de suspensão, que só terminam na segunda feira.

—Já reuniram?

—Reunimos esta manhã e resolvemos dar plenos poderes á nossa comissão para efectuar as deligencias que julgue necessarias para conseguir melhoria de vencimentos.

—E se não o conseguir?

—Quando a comissão der por infrutiferas todas as deligencias, então declaramos a greve, mas só depois de cumprirmos rigorosamente as leis vigentes.

—Retomam o serviço na segunda feira?

—Retomamos. O que se fez na segunda feira passada, foi apenas um protesto.

—Qual a resposta da companhia ás reclamações do pessoal?

—Que lhes reconhece razão, mas que não póde conceder melhoria de vencimentos sem que seja autorisado o aumento do preço dos fosforos.

* * *

Estamos no gabinete do director da companhia, sr. Manuel de Carvalho Vasconcelos, que nos recebeu amavelmente.

—As reclamações do pessoal são justas?

—São. E' o pessoal que mais mal pago está em relação ás outras fabricas.

—Mas a companhia não os atende...

—A companhia já fez o maximo, concedeu-lhe um premio de trabalho de 2$00 para os homens e 1$50 para as mulheres. Sem o governo autorisar o aumento dos fosforos amorfos e de cera, não podemos melhorar a situação economica do nosso pessoal.

—Esse aumento é de...

—Não sei. Quem trata disso é o director administrador. Mas parece-me que esse aument é de $05 centavos, em cada caixa.

—A companhia suspendeu o pessoal por cinco dias?

—Foi com pesar que o fez. Mas tratava-se de um acto de indisciplina da parte do pessoal, que se recusou a obedecer aos encarregados e ao gerente.

—Esse movimento foi organisado pela comissão de melhoramentos...

—Não, senhor. Pois o pessoal chegou a indignar-se contra a comissão, como se ela tivesse culpa da classe não ser atendida.

* * *

E aí está... como se prepara um novo aumento de preço dos fosforos.

Escola Industrial Machado de Castro

Festa escolar

Ha três dias que este notavel estabelecimento de ensino se encontra em festa, como nos demais anos em igual epoca.

Tanto o seu ilustre director como os alunos que nela tomaram parte se empenharam em lhe dar o maximo brilho, representando algumas graciosas comedias e os dramas «A Herança» e «Eterna Condenação».

Abria o espectaculo com um belo concerto pelo grupo musical da Escola, e fechava em cada noite com a engraçada revista «Paz e Amor», que fez rir a assistencia a bandeiras despregadas.

A um dos espectaculos assistiu o ilustre ministro da Instrução sr. dr. João Camoezas.

A POLITICA DA TARDE

A suspensão das imunidades

ao deputado Antonio Maya deve ser votada ainda hoje

Alguns jornais da manhã de hoje afirmaram que as comissões parlamentares de legislação e guerra dariam parecer desfavoravel á proposta do chefe do governo que pede a suspensão imediata de imunidades ao deputado Antonio Maya.

Assim sucedeu. A suspensão foi efectivamente regeitada por nove votos contra seis. Mas, apesar disso, a proposta será votada, com honra para o governo, ainda na sessão de hoje.

Os nacionalistas, segundo nos garantiu um dos marechais do partido, pronunciar-se-hão contra ela. Mas alguem nos afirmou que alguns deles abandonarão a sala na altura da votação. Os monarquicos, que já definiram a sua atitude pela boca do sr. Carvalho da Silva, devem emitir voto favoravel ao governo.

Como a maioria está hoje quasi em peso no parlamento, julgamos poder assegurar, baseando-nos em calculos cuidadosamente feitos, que a proposta será aprovada. E deve ter a seu favor uma maioria de quinze a vinte votos.

Dos democraticos, apenas quatro ou cinco parlamentares lhe recusarão o seu voto.

Mas para não causarem embaraços á situação do governo e pesando os perigos que adviriam duma crise ministerial neste momento, seguirão o sistema da abstinencia.

* * *

O parecer das comissões é do teor seguinte:

Atendendo a que a disciplina é o principio fundamental em que assenta o Exercito, como alta organisação de defesa nacional, não devendo o Poder Legislativo interferir na apreciação das penas aplicadas quando o forem pela entidade competente e na forma da lei;

Atendendo a que os artigos 17 e 18 da Constituição se não pódem entender na sua interpretação restricta de forma a considerar que o artigo 17 se refira exclusivamente á prisão preventiva e o artigo 18 se refira ao processo judicial em marcha até á pronuncia e antes tem que se considerar que a disposição do referido artigo 17 abrange genericamente todos os casos em que o deputado está preso, quer a prisão seja preventiva, quer resulte mesmo de sentença, desde que a pena aplicavel não envolva a perda dos direitos politicos, sendo pois da competencia desta Camara fóra desta hipotese, deliberar sobre o levantamento das imunidades parlamentares ao deputado punido pelas instancias competentes;

Atendendo tão sómente a que no caso sugeito medeiam apenas 18 dias para o encerramento das sessões, devendo considerar-se que o exercicio do direito de deputado nos assuntos pendentes e, mormente na eleição do Chefe do Estado é perpondivel e de respeitar.

As vossas comissões de guerra e de legilação criminal são de parecer que o levantamento das imunidades ao deputado sr. Antonio de Sousa Maia para cumprimento da pena disciplinar que lhe foi imposta, deve ser autorisada logo a seguir ao encerramento da actual sessão legislativa.

(a) João Pereira Bastos, Alberto de Moura Pinto, Crispiniano da Fonseca, José Cortez dos Santos, A. Garcia Loureiro, Amadeu Vasconcelos (vencido), Vasco Borges (vencido), João Bacelar, Lelo Portela, Adolfo Coutinho (vencido), Antonio de Mendonça (vencido), Carlos Olavo, João Aguas (vencido), Tomás de Sousa Rosa (vencido).

* * *

Á hora de encerrarmos estas notas politicas o sr. Cunha Leal está atacando o Governo.

Uma frase do seu discurso:

— Criou-se uma questão politica sobre uma questão puramente disciplinar. Mas a culpa não foi nossa.

Outra frase!

—Não compreendo que um ministro da Guerra fique tão aterrado com o anuncio duma interpelação e que se demita só para a não ouvir!

Os ultimos atentados

Prisão de um policia

Esta manhã foram removidos dos calabouços do governo civil para os fortes do Campo Entrincheirado, 18 presos, que a policia julga estarem comprometidos em diversos atentados.

Para o governo civil foram transferidos os presos Alberto Julio das Neves, Manuel Francisco e Bernardo Ramos da Costa, que ha dias se achavam incomunicaveis em varias esquadras.

Foi apreendida na residencia deste ultimo preso, em S. Bartolomeu da Charneca, uma grande porção de bombas de dinamite.

Por denuncia de uma mulher, foi preso Manuel Gameiro, auxiliar da 3.ª secção da policia de investigação. A referida mulher acusa este agente de ter ligações com os bombistas.

UM JULGAMENTO NO SEIXAL

Realisou-se ontem no Seixal, em audiencia demorada e por vezes agitada, o julgamento de Francisco Carriço acusado de ter morto com quatro tiros de pistola o policia Mateus Dias Gigante, na Estrada do Barreiro. Foi seu advogado o sr. dr. Mario Monteiro. Após os debates que foram longos, o juri recolheu, voltando pouco depois com o *veredictum* absolutorio pelo que o reu foi posto em liberdade.

MISSA

Mandada rezar pelo sr. A. Cesar dos Santos, realiza-se no proximo dia 26, pelas 9 e meia, uma missa na paroquial igreja de Santa Maria de Cintra, sufragando a alma deste ilustre e desditoso fidalgo.

O 19 de Outubro

O julgamento de hoje

Realizou-se hoje, no Tribunal Militar de Santa Clara, o julgamento do capitão da G. N. R., sr. Antunes Cabrita, comandante do quartel de Santa Barbara quando dos acontecimentos de 19 de Outubro.

E' acusado pelo libelo do ministerio publico de não ter evitado a morte de Machado Santos.

A hora que escrevemos estão depondo as testemunhas de acssação, cujos depoimentos já são do dominio publico.

A sentença deve ser lida ámanhã.

«A B C»

O seu terceiro aniversario

No proximo domingo completa três primaveras a brilhante e simpatica revista dirigida por Rocha Martins.

Comemorando o facto, naquele dia ás 11 horas será distribuido um bodo de cinco escudos a cada creança pobre que apresesente uma das senhas que o *ABC* distribui e de que nos enviou algumas.

A' tarde reune-se todo o pessoal das varias secções e oficinas do *ABC* num copo dagua de confraternisação.

Felicitando Rocha Martins e Mimon Anahory pelo exito sempre crescente da sua obra desejamos ao *ABC* que conte muitos anos prosperos como o que completa agora.

A TARDE PARLAMENTAR

Os Bairros Sociais

Uma proposta do governo

Com o sr. Alberto Vidal na presidencia, começa a chamada ás 3,40. Estão presentes 43 deputados.

Emquanto se lê a acta, o chefe do governo, nas bancadas democraticas, conversa com o sr. Vasco Borges. Juntam-se muitos deputados em redor, a ouvir o sr. Antonio Maria da Silva. As galerias concorridissimas.

Nota-se a falta dos deputados nacionalistas, que estão reunidos numa sala do Congresso.

Encostado á bancada ministerial, o sr. Cancela de Abreu está em palestra amena com os titulares do Comercio, do Trabalho e da Justiça.

A leitura do expediente arrasta-se até ás 4 e 20, hora a que começa a sessão, apesar do regimento determinar que ela abra ás 2.

O sr. Sá Pereira protesta contra as emendas do Senado ao projecto melhorando a situação dos reformados dos Arsenais.

As emendas são aprovadas.

O antigo ministro sr. Augusto Dias da Silva, ao entrar na galeria é muito cumprimentado.

O ministro do Trabalho requere urgencia e dispensa do regimento para duas propostas: uma autorisando o governo a transferir para os respectivos Municipios, os terrenos e as pbras dos varios Bairros Sociais, ou a dispôr das ferramentas e materiais neles existentes, concluindo a construcão do do Arco do Cego; outra referente ao Asilo para velhos de Alcobaça.

O sr. Julio de Abreu envia para a mesa um projecto de lei determinando que os 3.os oficiais dos Correios e Telegrafos com mais de 30 anos de serviço efectivo ou que tenham desistido da promoção nos termos do § 2 do artigo 347 do decreto 5786 de 10 de Maio de 1919, sejam, para efeitos de vencimentos e aposentação, equiparados os 2.os oficiais dos referidos quadros.

* * *

Alguns antigos deputados, esquecidos de que já terminou o seu mandato, interrompem de vez em quando os discursos, com apartes sangrentos.

O sr. Tavares Ferreira, manda para a mesa um projecto autorisando a Camara de Santarem a contrair um emprestimo de 800 contos para melhorar os serviços de iluminação e de abastecimento de aguas.

O sr. Antonio Pais chama a atenção da Camara para a fome que lavra em varias regiões do Alemtejo, principalmente em Souzel. Responde-lhe, em breves palavras, o ministro do Comercio.

No Senado

Guerra Junqueiro

O sr. Ramos da Costa insurge-se contra a estada do cadaver do glorioso poeta Guerra Junqueiro, na sala do Capitulo, no mosteiro dos Jeronimos, e pretende que se vote, quantos antes, o projecto de lei criando na igreja de Santa Engracia, o Panteon Nacional a fim de ali serem colocadas as urnas com os despojos das grandes figuras da Patria.

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim doRegedor, 51, L.º

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO

ADVOGADOS

Telefone 4335 C — R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.